

O GLOBO

# Crônica da Revisão

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



## Como se fazem deputados

Buscar no exterior exemplos e conselhos para limpar a via pública brasileira é ótimo. Melhor ainda é aconselhar-se com os procuradores da República da Itália, erradamente chamados de "magistrados", que conduzem a "Operação Mãos Limpas", como fazem agora os juizes do Estado do Rio; por iniciativa do presidente do seu tribunal. Mas, para que esses estudos tenham consequência, é preciso, primeiro, olhar para dentro, para a nossa própria realidade, conhecimento indispensável para garantir a eficiência das medidas que acaso vierem a ser importadas.

Como as luzes estão focadas sobre o Congresso, é a composição do Congresso que deve ser examinada para que se possa encontrar remédios.

Como é que um cidadão vira deputado federal?

A legislação, que estabelece a possibilidade de alguém ser nominalmente votado em qualquer lugar de estados imensos e populosos, como São Paulo, que tem a população da Argentina, ou Minas Gerais, que é do tamanho da França, tem inconvenientes conhecidos há muito tempo, mas que os parlamentares se recusam a mudar. Esse tipo de eleição impossibilita a formação de maiorias sólidas, abre as portas para a compra de votos e desliga o eleitor do seu representante.

Há várias receitas para ganhar uma eleição de deputado. A mais indolor, do ponto de vista financeiro, é manter um programa matinal de rádio.

Normalmente, o comunicador mistura apelos aos baixos instintos das camadas populares, através de comentários violentos sobre episódios policiais, com reclamações de interesse local, pedidos de solidariedade para com doentes graves e comentários políticos superficiais.

Outro caminho é o que passa pelos púlpitos das igrejas protestantes de massa. Os padres católicos, presentes nos parlamentos brasileiros desde a Independência, foram substituídos pelos pastores evangélicos. Alguns gozam de re-

putação comparável à dos Sete Anões.

Ter sido um prefeito razoável de cidade de porte médio é bom passaporte. Há deputados que saem eleitos das suas cidades, como se e o voto já fosse distrital. Em São Paulo, isso é muito freqüente, mas ocorre também em outros estados.

Terminando a lista de formas lícitas de eleição, há os deputados classistas, que recolhem em votos a liderança que estabeleceram nas suas categorias profissionais. Os mais óbvios são os líderes sindicais do PT, mas há, também, líderes sindicais de extrema direita, como o deputado Jair Bolsonaro, sindicalista militar.

Na meia-água entre o lícito e o ilícito estão as deputadas maliciosamente apelidadas de "maridas". São eleitas por serem casadas com senadores ou candidatos a governador.

As formas ilícitas, ou seja, a compra de votos, são responsáveis por um número considerável de mandatos. Nos estados artificiais do Norte e Centro-Oeste os mandatos comprados são, provavelmente, a maioria. Daí a presença de narcotraficantes, negociatas, compradores de imunidades, entre os seus parlamentares efetivos ou suplentes de senador. Há deputados que gastam dois ou três milhões de dólares em uma eleição; financiando prefeitos, deputados estaduais e vereadores. Comenta-se que, nas eleições de 1986, um banqueiro fluminense gastou seis milhões de dólares para comprar o seu mandato. Prepara-se para gastar outro tanto na próxima. Em Brasília, as próximas eleições deverão ser as mais caras de todos os tempos.

Um dado para realçar o poder do dinheiro: existem 14 milhões de trabalhadores sem terra, mas apenas seis deputados federais os representam. Os 200 mil grandes proprietários de terras têm 120 representantes no Congresso.

A moralização do Congresso passa por leis eleitorais que dificultem esse tipo de compra e venda, supondo-se que o Judiciário as aplique.